

Futebol inspira reformulação universitária

Educação

Analista francês prevê uma corrida atrás de "craques", neste caso, os melhores professores

NAPOLEÃO SABOIA

Correspondente

PARIS – Em pouco tempo, as mais renomadas universidades no mundo inteiro passarão a funcionar como os clubes-empresas do futebol, recrutando os melhores craques, no caso, os professores, para atrair os estudantes. Os câmpus serão divididos em primeira, segunda e terceira divisões – e, na competição final no mercado de trabalho, se sairão melhor os que, dotados de espírito criativo, senso crítico, cultura empresarial e capacidade de comunicação e de adaptação, se mantiverem em esquemas de formação permanente, pois o tempo de vida de qualquer diploma será curto, não passando de dez anos.

Em entrevista ao

Estado, ao estabelecer o paralelo entre clube de futebol e universidade e ao definir os atributos a serem exigidos dos diplomados, o professor Jacques Attali, de 54 anos, responsável pelo estudo *Para um Modelo Europeu de Ensino Superior* (adotado pelo Ministério da Educação francês) esclarece não estar fazendo exercícios de perspectiva no abstrato. “Os câmpus americanos já estão funcionando assim; os campeonatos pelos diplomas ofe-

recem à imaginação elementos para as mais diversas analogias com os esportes em geral e esse será o modelo de educação do próximo século.”

Attali, que foi conselheiro especial do presidente François Mitterrand entre 81 e 91, diz-se convencido de que a tendência natural dos sistemas de ensino superior na América Latina é para a harmonização no quadro de expansão do Mercosul, a exemplo do que ocorre na União Europeia (UE), onde suas recomendações nesse sentido já foram aprovadas pela Grã-Bretanha, Alemanha e Itália, além da França. Tais recomendações prevêem a manutenção, no âmbito europeu, de apenas quatro categorias de cursos universitários: o de técnico superior (com duração de dois anos); a licenciatura (três anos); o mestrado (mais dois anos); e finalmente o doutorado (três anos). Na UE, uma formação universitária completa deverá ser concluída, formalmente, em oito anos de estudos.

Indagado sobre o caso do Brasil, o educador francês

pondera que o País deveria aprofundar e ampliar os esforços de internacionalização de seus cursos superiores, pois as empresas brasileiras, para serem competitivas, precisam de profissionais com visão de mundo igualmente globalizada.

Nessa perspectiva, Attali considera exemplar a iniciativa tomada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e pela Confederação Nacional

da Indústria que, em parceria, financiam, desde o início do ano, o estágio (de um ano) de 200 estudantes do terceiro ano dos diversos ramos da engenharia em universidades, centros de pesquisa e empresas industriais da França e da Alemanha. Attali, no estudo, afirma que “a

inteligência econômica”, a ser desenvolvida em todos os domínios do conhecimento, graças à colaboração entre as universidades e o mundo das empresas, se converterá “na pedra angular de qualquer graduação superior”. Daí a ênfase dada por ele à questão da “cultura empresarial”,

em que cada universitário deve adquirir, paralelamente à formação superior, a cultura que passa pelo aprendizado dos princípios básicos da contabilidade, da micro e macroeconomia e pela capacidade de criar, reunir e motivar pessoas em torno de um empreendimento.

**NOVO
MODELO JÁ
FUNCIONA NOS
EUA**